

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS E COLETIVO NA CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO: O CASO DO MONUMENTO À COLÔNIA AFRO-BRASILEIRA DE CURITIBA

ON THE RELATIONSHIP BETWEEN INDIVIDUALS AND THE COLLECTIVE IN THE CONSTRUCTION OF HISTORICAL HERITAGE: THE CASE OF THE MONUMENT TO THE AFRO-BRAZILIAN COLONY OF CURITIBA

Ana Crhistina VANALI

anacvanali@gmail.com

Doutora em Sociologia

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paraná, Brasil

Profa. Faculdade da Indústria

<http://lattes.cnpq.br/2411636484863426>

0000-0002-0578-3118

Andrea Maila Voss KOMINEK

amvkominek@gmail.com

Doutora em Sociologia

Universidad de Salamanca (USAL) Salamanca, Espanha

Profa. Universidade Tecnológica Federal do Paraná

<http://lattes.cnpq.br/0756516385105893>

0000-0001-6561-081X

Celso Fernando Claro de OLIVEIRA

celso.oliveira@ifpr.edu.br

Doutor em História

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil

Prof. Instituto Federal do Paraná - Campus Pitanga

<http://lattes.cnpq.br/2023354225634522>

0000-0001-7212-3358

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a história do Monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba, descerrado no centro da capital paranaense em maio de 1988 em homenagem ao centenário da assinatura da Lei Áurea. Partindo dos conceitos de “patrimônio” (CHOAY, 2006) e “lugar de memória” (NORA, 1993), analisamos como a inserção dessa obra no espaço urbano levanta discussões sobre a identidade e a memória da cidade, bem como, sobre as relações entre o individual e o coletivo na construção da história de uma população. O resgate dessa história foi apoiado por pesquisas em documentos oficiais, fontes jornalísticas e entrevistas com pessoas que tomaram parte nesse processo. O trabalho revelou as potencialidades do monumento em preservar a história e a memória dos afro-brasileiros em Curitiba.

PALAVRAS-CHAVE: colônia afro-brasileira de Curitiba; patrimônio; memória; população afro-brasileira.

ABSTRACT

This paper intends to debate the history of the Monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba, unveiled at the downtown area of the Paranaense capital in May 1988. Departing from the concepts of “patrimony” (CHOAY, 2006) and “place of memory” (NORA, 1993), we analyzed how the insertion of this work in the urban space raises discussions on the identity and the memory of the city, as well as, on the relations between the individual and the collective on making the history of a population. The rescue of this history

was also supported by researches in official documents, in newspapers and in interviews with people who took part in this process. This work brought to light how the monument has the potential to preserve the history and the memory of African-Brazilians in Curitiba.

KEYWORDS: Colônia Afro-brasileira de Curitiba, patrimony, memory, African-Brazilian population.

INTRODUÇÃO

Na região central de Curitiba, capital paranaense, há uma placa de bronze em homenagem à colônia Afro-brasileira curitibana. A referida placa foi descerrada por ocasião da celebração do centenário da abolição da escravatura no Brasil. Nela, constam os nomes de 68 pessoas negras que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, em grande medida, entre as décadas de 1920 e 1980. A iniciativa é bastante louvável, porém, o formato do monumento, sua concepção e sua localização levantam uma série de questionamentos a respeito da efetividade dessa homenagem. Tomando como ponto de partida o processo de constituição do Monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba, pretendemos por meio deste artigo analisar como a referida homenagem foi elaborada, como ocorreu seu desvelamento e quais as significações e valores aos quais ela remete para a comunidade local. Acreditamos que a história do monumento em questão encontra-se intimamente relacionada ao recorrente apagamento da presença negra em Curitiba, que serve de contraponto à exaltação das chamadas “raízes europeias” da capital paranaense.

Nesse sentido, consideramos que resgatar a história do referido monumento contribui também para resgatar as trajetórias, as lutas e as ações não somente dos 68 nomes homenageados, mas da população afro-brasileira de Curitiba de forma mais ampla. Por meio deste exercício, poderemos também verificar como a capital paranaense preserva, celebra e rememora as contribuições desse contingente à sua história, ou não.

1. O MONUMENTO À COLÔNIA AFRO-BRASILEIRA DE CURITIBA COMO PATRIMÔNIO E LUGAR DE MEMÓRIA

Para pensar a situação do Monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba, dois conceitos apresentados por Françoise Choay (2006) são de grande valia. O primeiro deles é o de

“patrimônio edificado”. Nas palavras da autora, patrimônio pode ser definido como "um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum" (CHOAY, 2006, p. 11). O patrimônio edificado, por sua vez, refere-se às construções físicas, situadas em um determinado espaço, erigidas a partir de diferentes materiais, e que são capazes de despertar memórias e afetividade por parte da população que habita aquela área ou de visitantes (CHOAY, 2006, p. 12).

O segundo conceito que nos interessa é, justamente, o de “monumento”, termo cuja origem remonta ao hábito de recordar o passado e recorrer à memória viva, à emoção e à afetividade. É justamente no estabelecimento de uma relação entre o tempo vivido e a memória que reside a função antropológica do monumento, constituindo sua essência. Segundo a historiadora:

Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar com se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de forma encatado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. [...] Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento. (CHOAY, 2006, p. 18).

O estabelecimento dessa relação que permite ao povo rememorar o passado por meio do monumento vai ao encontro de outro conceito igualmente importante para este debate: trata-se do “lugar de memória”, cunhado pelo historiador francês Pierre Nora. Para esse intelectual, um lugar de memória sempre apresenta três características: é material (no sentido de que encontra uma representação física, mesmo que de duração breve), é funcional (garante a cristalização e transmissão de lembranças) e é simbólico (pois permite às pessoas que não tomaram parte nos

acontecimentos do passado conhecê-los por meio de rituais e representações, entre outros elementos). A importância dos lugares de memória é sintetizada por Nora (1993, p. 13) da seguinte maneira:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. (NORA, 1993, p. 13).

A partir de suas colocações, Nora (1993) assinala que não basta a criação de um monumento para que o mesmo se torne um lugar de memória. É necessário, nas palavras do autor, “ter vontade de memória”. Isto é, identificar-se com o monumento, torná-lo parte do cotidiano das pessoas, utilizá-lo para celebrar e preservar uma parte do passado perante o constante risco de a mesma cair no esquecimento. Caso essa relação entre a comunidade e o monumento não ocorra, a construção torna-se apenas um “lugar de história” isto é, que faz referência ao passado, mas sem estabelecer uma conexão com as pessoas que vislumbram esse monumento no momento atual (NORA, 1993, p. 22).

O Monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba reúne os atributos necessários para proporcionar tanto o exercício de preservação do passado, quanto o de despertar a memória viva e a afetividade por parte da população. Muitas dessas preocupações são evidentes quando avaliamos sua história. Contudo, sua trajetória também assinala uma série de embates a respeito da identidade da capital paranaense e da memória que se deseja preservar a respeito da mesma. Nesse sentido, é importante ressaltar que a construção de uma relação entre o monumento e a sociedade não ocorre de forma automática.

A obra em questão foi instalada em 26 de maio de 1988 (Figura 1), quando do primeiro centenário da abolição da escravidão no Brasil, ocorrida oficialmente por meio da Lei Imperial n.º 3.3531 de 13 de maio de 1988 também conhecida como a Lei Áurea. A “história tradicional” brasileira comumente tratou a Lei Áurea como o ápice de um conjunto de leis que, desde a segunda metade do século XIX, vinham impactando de forma direta na manutenção do regime

escravocrata no Brasil. Devido ao seu caráter de oficialidade, o 13 de maio foi, por muitas décadas, uma data marcada por comemorações e atividades cívicas, nas quais se destacavam homenagens à Princesa Isabel e aos abolicionistas (DOMINGUES, 2011). Nesse sentido, é compreensível que a data tenha sido selecionada para a realização da homenagem à colônia afro-curitibana, embora o movimento negro já fosse crítico a essa escolha.

Figura 1 – Monumento à Colônia Afro-Brasileira de Curitiba, Praça Santos Andrade, Curitiba - PR



Fonte: Produzido pela autora Ana Christina Vanali (2017).

O monumento está localizado na Praça Santos Andrade, no centro da cidade de Curitiba. É composto por um bloco de granito e uma placa de bronze de dimensões de 60 cm de largura por 99 cm de altura. Ele se destina a dar visibilidade a diversos negros e negras que foram destaques em suas respectivas áreas, contribuindo para o desenvolvimento do estado do Paraná. No canto superior direito da placa, tem-se o desenho de uma cabeça com uma pomba que representa a importância de o negro tomar consciência da sua condição para lutar por reconhecimento e encontrar seu devido lugar na sociedade (Figura 2). Essa é a logomarca do Centro de Integração Social, Cultural, Comercial e Turístico Afro-Brasileiro que expressa a mensagem de que “A SUA LIBERDADE ESTÁ EM SUA CONSCIÊNCIA” (informação verbal)¹.

¹ Entrevista de Ozeil Moura dos Santos concedida à Ana Crhistina Vanali em Curitiba, PR, no dia 28 de agosto de 2017.

Figura 2 – Detalhe da placa da Praça Santos Andrade Praça Santos Andrade, Curitiba - PR



Fonte: Produzido pela autora Ana Christina Vanali (2017).

A iniciativa da homenagem, que na placa aparece como sendo da Câmara dos Vereadores de Curitiba, foi um trabalho conjunto entre o Cônsul-geral Honorário do Senegal em Curitiba, Ozeil Moura dos Santos e da então vereadora Marlene Zanini. A inauguração do monumento ocorreu na tarde de 26 de maio de 1988, quando o presidente da Câmara Municipal, Horácio Rodrigues Sobrinho e o Cônsul Honorário do Senegal para os Estados do Paraná e de Santa Catarina, o senhor Ozeil de Moura Santos, descerraram a placa em homenagem à etnia negra na capital paranaense.

Tortato (2001, p. 131), assinala que o marco em homenagem à comunidade afro-brasileira foi o décimo-terceiro monumento implantado na Praça Santos Andrade, na data de 26 de maio de 1988. A obra é de autoria e de execução desconhecidas. A escolha do local para a colocação da placa está envolta em uma profunda simbologia. De acordo com o cônsul Ozeil (informação verbal)², o negro, para ascender socialmente, tem de investir em dois caminhos: na educação e na cultura. Ele procede sua explicação afirmando que a Praça Santos Andrade abriga o Teatro Guaíra, símbolo da cultura, e o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, símbolo da educação, por esse motivo foi o local escolhido para a instalação do monumento.

Segundo o jornal “Correio de Notícias” de 27 de maio de 1988 (HOMENAGEM..., 1988), a placa “contém nomes de 68 personagens da raça, ou descendentes étnicos que residiram ou

ainda residem em Curitiba (Apêndice A). Desses, oito já são falecidos” (informação verbal)². Os homenageados, sejam os nascidos em Curitiba, sejam os que chegaram à capital paranaense em diferentes momentos, atuaram em diversas frentes. Entre os nomes, destacam-se juízes, desembargadores, advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, jogadores de futebol, professores, atores, cartunistas, músicos, militares, policiais, bombeiros, radialistas, contadores, funcionários públicos de diversos níveis, militantes do movimento negro e de outros movimentos sociais, mães de santo, barbeiros, seminaristas, representantes comerciais, linotipistas, políticos, delegados e agrônomos (Apêndice B).

Bahls (2001, p.73) destaca que a inauguração do monumento foi acompanhada por uma série de festejos:

A inauguração do monumento, cuja iniciativa coube ao Consulado de Senegal em Curitiba, e teve a colaboração da Câmara Municipal, começou às 18 horas do dia 26 de maio, reunindo milhares de pessoas na Praça Santos Andrade. Depois da cerimônia, na qual compareceram autoridades e demais representantes da comunidade, à noite, houve uma grande festa no Círculo Militar do Paraná, quando foi realizada a sessão solene da Câmara, que entregou uma placa de prata aos dirigentes do evento, com os nomes de pessoas da comunidade negra, que se sobressaíram, na sociedade paranaense, naquele último ano. Em seguida, o Ballet Copélia encenou uma peça teatral, sobre as lutas e as conquistas obtidas pelo negro no Paraná. (BAHLS, 2001, p.73).

Apesar das solenidades que marcaram sua inauguração, o Monumento à Colônia Afro-Brasileira de Curitiba parece não ter encontrado espaço na paisagem da capital paranaense. Moraes e Souza (1999), em seu estudo sobre o preconceito em Curitiba, citam esse monumento à etnia negra que “descobriram” na Praça Santos Andrade e concluem que ele reforça a tese da invisibilidade do negro na cidade, pois “a obra que lembraria a população negra passa despercebida em meio à paisagem [...] além da inscrição ser de difícil leitura” (MORAES; SOUZA, 1999, p. 8). Nesse sentido, nos perguntamos: quais obstáculos impedem que o monumento em questão se torne, efetivamente, parte de memória dos curitibanos?

² Entrevista de Ozeil Moura dos Santos concedida à Ana Crhistina Vanali em Curitiba, PR, no dia 28 de agosto de 2017.

Um primeiro ponto a ser levado em consideração é uma invisibilização física do próprio monumento no espaço público que, de certa forma, indica o também apagamento da presença negra na capital paranaense. O monumento costuma passar despercebido aos olhos de muitas pessoas que transitam pela região central de Curitiba. A apreciação da placa exige uma leitura atenta, processo que demanda dedicação e tempo, o que parece incompatível com o ritmo acelerado de uma metrópole. Cabe ainda destacar que a praça, enquanto espaço público, é comumente associada a aspectos negativos, como assinala um artigo sobre o projeto de revitalização da Praça Tiradentes, também localizada em Curitiba. Segundo os autores, as praças centrais da cidade “carregam certa conotação de abandono e de degradação, muito embora sejam importantes pontos de passagem de transeuntes” (ROSANELI *et al*, 2016, p. 360).

A homenagem à Colônia Afro-brasileira de Curitiba também precisa concorrer pela atenção dos frequentadores da Praça Santos Andrade com muitos outros monumentos instalados no local. De acordo com uma reportagem de Mariana Domakoski (2016), à época, o logradouro abrigava onze bustos em homenagem a personalidades brasileiras tais como a atriz Lala Schneider e o professor Nilo Cairo, um dos mentores da criação da Universidade Federal do Paraná, muitos das quais pareciam imperceptíveis ao olhar da população. Se uma obra tridimensional encontra dificuldades para despertar a curiosidade das pessoas, o desafio é ainda maior para uma placa, a qual é dotada de dimensões e impacto visual reduzidos.

Outra questão a ser levantada é que a referida obra foi alvo de práticas de vandalismo. Dentre estas, destacam-se duas situações de furto da placa de bronze. Furtos que, no entanto, passaram despercebidos pelos meios de comunicação e não causaram comoção ou preocupação pública.

2. OS 68 NOMES NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Embora reconheçamos o valor do monumento em questão, ao valorizar a participação da população afro-brasileira na construção da memória e do patrimônio histórico cultural de Curitiba, muitas questões permanecem em aberto. Ainda que os transeuntes que passam pela Praça Santos Andrade diariamente percebam a existência da placa, é provável que poucos sejam

capazes de reconhecer a importância do seu significado e da riqueza de histórias que ela simboliza. Afinal, quem são as 68 pessoas homenageadas?

Devido às suas características físicas, o texto gravado no monumento à “Colônia Afro-brasileira de Curitiba” registra, na maioria dos casos, apenas os nomes das pessoas homenageadas, sem maiores detalhes. Há somente cinco exceções a este padrão: Ozeil Moura dos Santos, um dos idealizadores do monumento, cuja menção é seguida dos termos “Cônsul Senegal”; Antenor P. dos Santos, José S. da Silva Felinto e Sidney Lima Santos, identificados como “ex-vereador[es]”; e Hasiel Pereira, que também teve sua carreira política destacada com a inscrição “vereador”.

Outra parca informação que pode ser obtida através da inscrição gravada na placa é que a maioria dos homenageados estava viva à época em que o monumento foi inaugurado, uma vez que as personalidades então falecidas Antenor Alencar Lima, Antenor P. dos Santos, Antonio Pinto Rebouças, Edgar Antunes Silva (Tatu), Enedina Alves Marques, Haroldo Ferreira dos Santos, José Ferreira dos Santo e José Pinto Rebouças surgem em uma seção à parte do texto, denominada “Homenagens Póstumas”. Sobre os demais nomes, a placa não apresenta quaisquer dados sobre suas trajetórias de vida ou áreas de atuação.

É possível salientar que muitos dos homenageados eram reconhecidos publicamente por apelidos, nomes artísticos ou apenas por parte de seus nomes, os quais com a exceção de Edgar Antunes Silva, conhecido como “Tatu” não foram destacados pelo texto presente na placa. Para ilustrar a situação, podemos citar os casos do cartunista Acir Fernandes, que assinava suas obras com o nome artístico de “Xixo”; do jogador de futebol Antonio Dionísio Filho, popularmente chamado “Dionga”; ou de Raimunda Ferreira dos Santos, que era conhecida pela alcunha de “Vó Raimunda”.

Algumas dessas personalidades são mais facilmente reconhecidas por terem alcançado algum destaque na vida pública, como o caso dos políticos supracitados, ou porque conquistaram espaço nos meios de comunicação, como o caso da atriz Odela Rodrigues ou do ator e jornalista Narciso Assumpção, que participaram de projetos no teatro, na televisão e no cinema. Porém, mesmo estes nomes, selecionados como exemplos, correm o risco de serem esquecidos com o

passar dos anos caso não haja esforços para preservá-los na memória coletiva da capital paranaense, uma vez que a memória se encontra em constante transformação.

Responder à pergunta “quem foram essas pessoas?”, uma vez que esta informação não consta na placa, exige que o interessado busque por informações em outras fontes, as quais nem sempre estão acessíveis ao público. Além disso, emerge um segundo questionamento: como foi realizada essa seleção? De acordo com Ozeil (informação verbal)³, a escolha dos homenageados foi um trabalho conjunto, realizado por ele e por assessores da Câmara Municipal de Curitiba. Assim, é possível afirmar que os critérios para definição dos homenageados foram, em grande medida, pessoais.

O desvelar desse processo de seleção gera algumas inquietações, pois embora a placa traga importantes nomes da população negra curitibana, há também omissões evidentes. Dentre os nomes homenageados, figuram pessoas de renome nacional, como Enedina Alves Marques, primeira mulher a se tornar engenheira civil do Brasil, ou os irmãos Antônio e José Pinto Rebouças, engenheiros responsáveis por importantes obras de engenharia civil, como a construção da Estrada de Ferro na Serra do Mar, que liga Curitiba ao Porto de Paranaguá. Por outro lado, chamam a atenção as ausências de tantas outras personalidades, entre as quais destacamos os literatos Laura Santos e Geraldo Magela Cardoso, a atriz Dirce Thomas, o músico Palminor Rodrigues Ferreira (Lápis) e o jurista e membro da Academia Paranaense de Letras João Pamphilo D'Assumpção.

Ressaltamos ainda que há divergências nos textos existentes na placa original e na placa atual, bem como, a grafia incorreta dos nomes de alguns homenageados. Os erros incluem desde trocas de letras até mudanças drásticas nos sobrenomes. É o caso da delegada Tereza Ermelino dos Santos, que aparece identificada no monumento como Tereza Ermelino de Leão. Em outras situações, foi verificada ainda a supressão de parte dos nomes dos homenageados. Tais

³ Entrevista de Ozeil Moura dos Santos concedida à Ana Crhistina Vanali em Curitiba, PR, no dia 28 de agosto de 2017.

ocorrências não apenas dificultam a identificação dessas personalidades, como evidenciam um possível descaso com a memória que se constrói a respeito da população negra na cidade.

3. O INDIVIDUAL E O COLETIVO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Tendo compreendido as características físicas, localização e processo de implantação da placa, destacamos a partir deste ponto uma questão central: a marginalização do Monumento à Colônia Afro-Brasileira de Curitiba em comparação aos lugares de memória que prestam homenagens às raízes europeias da cidade.

A visão de Curitiba como um “pedaço da Europa no Brasil” é evidente em diferentes lugares de memória espalhados pela capital paranaense. Visão que contribui para preservar uma versão hegemônica e parcial da história. Parte significativa dos espaços dedicados a homenagear povos de origem europeia, por exemplo, estão localizados em bairros nobres e integrados à vida da cidade por meio de importantes vias de acesso ou por meio de eventos que fazem de tais lugares espaços de convivência. Dos exemplos significativos destes logradouros, situados no bairro Bigorriho, são a Praça da Espanha (ladeada pela Alameda Dr. Carlos de Carvalho e pela Rua Saldanha Marinho, é reconhecida por seus bares e restaurantes) e a Praça da Ucrânia (famosa por sua “feirinha”, está localizada entre duas “vias rápidas” a Rua Padre Anchieta e a Rua Padre Agostinho). Além de estarem situados, em bairros nobres e centrais da cidade, ambas homenagens possuem dimensão considerável, uma vez tratarem-se de duas ‘praças’.

Outros lugares de memória que oferecem respaldo à representação de uma Curitiba europeia estão também integrados ao itinerário de ônibus conhecido por “Linha Turismo” que percorre mais de 25 pontos turísticos na cidade (Figura 3). No ano de 2018, somente esta linha transportou mais de 512 mil passageiros (CURITIBA, [2020?]). Dentre os pontos turísticos visitados, podemos destacar como exemplos o Bosque Alemão, o Bosque João Paulo II (BOSQUE POLONÊS), o Portal Italiano e o Bairro de Santa Felicidade (também marcado pela imigração

italiana). Todas homenagens a povos de origem europeia e em grandes dimensões: praças, bosques, portais e até mesmo um bairro inteiro.

Figura 3 – Mapa da Linha Turismo de Curitiba



Fonte: Curitiba [2020?].

Retomemos agora o exemplo da placa em homenagem à “Colônia Afro-brasileira de Curitiba”: apesar de bem localizada, na Praça Santos Andrade, região central de Curitiba e um dos pontos de parada da “Linha Turismo” (Parada Universidade Federal do Paraná/Teatro Guaíra), o monumento possui dimensões físicas que não contribuem para sua visibilidade no espaço urbano. Desse modo, conforme indicamos acima, costuma passar despercebido aos transeuntes, dificultando a formação de uma memória que preze pela valorização da população negra na cidade.

A situação de pouca visibilidade da placa, guarda semelhanças com outra homenagem à presença negra em Curitiba: a Praça Zumbi dos Palmares, onde está localizado o Memorial Africano. Embora o memorial seja um monumento de dimensão e porte semelhante às homenagens de outras etnias, o mesmo situa-se longe do centro da cidade, no bairro Pinheirinho, onde a “Linha Turismo” não circula. Nesse sentido, é possível afirmar que estes marcos, apesar de homenagearem a população negra em Curitiba, valorizando sua presença e sua contribuição na construção da cidade, ambos sofrem um processo de marginalização que atende aos interesses hegemônicos sobre a história e a memória de Curitiba como cidade europeia.

Enquanto os europeus são percebidos como atores sociais ativos e valorizados como coletivo no processo de construção da cidade, a população de origem africana é invisibilizada, através de uma homenagem em grandes dimensões, porém em um bairro periférico e desvalorizado, ou é homenageada em região central, porém em dimensões módicas, não como coletivo, mas como um conjunto de indivíduos pulverizados em trajetórias vitoriosas e meritocráticas que reafirmam o discurso hegemônico de que “quem se esforça, vence”.

A dificuldade na identificação dessas pessoas pode indicar, ainda, uma interpretação problemática da história da população afro-brasileira de Curitiba, uma vez que foca em um processo de individualização da trajetória dos homenageados. Os nomes aparecem como protagonistas-solo em uma sequência de monólogos aparentemente isolados. Entretanto, suas biografias estão marcadas por lutas coletivas, pela inserção no espaço público, pelo diálogo com diversas faces do movimento negro e pelo enfrentamento ao racismo. Suas lutas se

entrecruzaram, os desafios enfrentados foram e são semelhantes, os debates fomentados pelos mais velhos inspiraram as gerações futuras e assim por diante.

Apesar de no referido monumento, figurarem apenas nomes isolados, com quase nenhuma referência ou explicação, assumindo até mesmo com um certo tom de exceção ao processo de invisibilização imposto à população negra, é fundamental compreender a importância do coletivo e das interrelações entre estas histórias. É essencial compreender as trajetórias individuais desses agentes históricos dentro do contexto em que viveram. É preciso pensar como os mesmos transitaram, procurando se inserir na sociedade, estabeleceram suas redes de sociabilidade e buscaram ocupar os espaços públicos. Os homenageados pelo monumento à “Colônia Afro-Brasileira de Curitiba” se fortaleceram e, ao mesmo tempo, contribuíram para as lutas de resistência do movimento negro, ainda que nem sempre o tenham feito de forma consciente. Suas trajetórias assumem ainda maior relevância e valor quando compreendidas no contexto das ações dos movimentos negros na capital paranaense.

No contexto da sociedade curitibana podemos destacar, por exemplo, os seguintes coletivos de resistência negra: (1) Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON) que teve sua origem em grupos de discussão na igreja católica; (2) Agentes da Pastoral Negra - APN, originado do GRUCON, porém em sua versão laica; (3) Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP), com foco na formação política, educação e cultura; (4) Associação Cultural Afro-brasileira, entidade civil composta por estudantes e intelectuais negros; (5) Centro de Integração Social, Cultural, Comercial e Turístico Afro-brasileiro, com o objetivo de promover o desenvolvimento das relações comerciais e industriais.

Conhecer as histórias destes movimentos coletivos, permeadas pelas narrativas biográficas, nos permite refletir sobre como se constroem as memórias de um povo e as interpretações do passado feitas na atualidade. No caso da população negra especificamente, conhecer a história da luta coletiva e da construção dos movimentos negros, torna-se ainda mais necessário. Saber o que está além da placa, para além das narrativas dos personagens de destaque, é fundamental, uma vez que as histórias, quando contadas de forma individualizadas e

fragmentadas, contribuem para a invisibilização e, portanto, para a desvalorização desta população na história de construção da cidade.

Esse apagamento, cabe ressaltar, está relacionado a questões políticas, problemas sociais e ao racismo estrutural que, historicamente, marcam o Brasil. Diferentemente da história dos brancos europeus, que costuma ser vista de forma coesa e contínua, a história da população negra, de origem africana, é apresentada como um conjunto de ações isoladas, cristalizadas em personagens específicos, não como uma população coesa, dona e protagonista de uma história coletiva. Ainda quando celebrada, como é o caso da placa em questão, as homenagens ocorrem de forma nominal, destacando o esforço e a vitória individuais. Os agentes históricos são tratados como “sujeitos específicos” que, descolados do contexto em que viveram, surgem como ‘exceções’, como ocorrências pontuais e isoladas na história da cidade e do país. Não são trajetórias valorizadas e reconhecidas como uma parte que compõe a ‘tradicional população curitibana’.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões propostas, torna-se evidente a necessidade de se pensar quem é o negro na tradicional sociedade curitibana, que omite o elemento negro de sua história e de sua memória. Quem foi, como e onde atuou, como contribuiu no processo de construção da cidade. Mas é necessário também refletir sobre os efeitos destas omissões no presente da cidade. Faz-se urgente refletir sobre os riscos da chamada ‘história única’ conforme assinala Adichie (2019), e da crença nos diversos mitos dela decorrente. Estes mitos, assumidos como verdade, seguem sustentando e alimentando o preconceito e o racismo, ainda quando este racismo ocorre de forma velada, sob a forma de exclusão. Racismo que ocorre sob a percepção algumas vezes até mesmo enunciada por “cidadãos de bem”, de que ‘em Curitiba não há negros’, ou ainda na busca pelo branqueamento, seja ele a nível individual, familiar, coletivo ou até mesmo pelo incentivo do Estado.

Se é preciso conhecer a história e o papel do negro na sociedade, é necessário igualmente pensar o papel do branco e dos privilégios que sua branquitude lhe confere, ainda

quando esta ocorra por conveniência e conivência silenciosa, ou como afirma Bento (2002), através dos ‘pactos narcísicos’. Se por um lado, existe racismo, desvalorização e exclusão de parte da sociedade, isto indica que, do outro lado há privilégios. Privilégios estes usufruídos exatamente por sujeitos em posição de tomada de decisão, detentores de poderes políticos, econômicos e culturais, que têm em suas mãos a prerrogativa por tomar decisões diversas, tais como a definição de quais são as narrativas a serem valorizadas e quais histórias e memórias devem ser omitidas.

Assim, população negra e indígena, não figuram na narrativa oficial, e quando surgem, o fazem como casos isolados de exceção quase anedóticas. A placa em homenagem à população negra, tema da presente discussão, por exemplo, apesar de localizada no centro da capital, em local nobre, possui dimensões físicas que não contribuem para sua valorização, além do fato de os nomes ali homenageados diluírem-se em narrativas individuais, sem explicações, detalhes ou referências. Desta forma, ainda que a homenagem exista, não contribui para o fortalecimento da noção de ‘uma população’, para a ideia de pertencimento e aumento da autoestima do grupo homenageado.

Ao contrário, as homenagens ocorrem de forma nominal, celebrando o esforço e a vitória individual, do sujeito específico. Uma história meritocrática de ‘exceção’, narradas como ocorrências pontuais e isoladas na história da cidade e do país. Não são apresentadas como trajetórias valorizadas e reverenciadas como parte da constituição da ‘tradicional população curitibana’.

Observa-se, desta forma, que as histórias, quando contadas de forma individualizadas e fragmentadas, contribuem para a invisibilização e, portanto, para a desvalorização da população, de forma coletiva, na construção da cidade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *Obras de arte em logradouros públicos II: Praça Santos Andrade*. Curitiba: Casa Erbo Stenzel; Fundação Cultural de Curitiba, 2001.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. São Paulo: Editora da USP, 2002.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CURITIBA. Urbanização de Curitiba S/A. *Linha turismo*. Curitiba: Prefeitura Municipal, [2020?]. 1 mapa, color. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/pdf/transporte/linha-turismo/mapaTurismo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CURITIBA. Urbanização de Curitiba S/A. *URBS em números*. Curitiba: Prefeitura Municipal, [2020?]. Disponível em: <http://urbs.curitiba.pr.gov.br/institucional/urbs-em-numeros>. Acesso em: 09 jan. 2020.

DOMAKOSKI, Mariana. As 11 personalidades que se escondem na Santos Andrade. *Gazeta do Povo*, Curitiba, PR, 04 out. 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/as-11-personalidades-que-se-escondem-na-santos-andrade/>. Acesso em: 08 fev. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Salve o 13 de maio: as comemorações da abolição da escravatura. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 26., 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ANPUH, 2011. v. 1. p. 1-8.

HOMENAGEM à etnia negra. *Correio de Notícias*, Curitiba, PR, p. 3, 27 maio 1988.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; SOUZA, Marcilene Garcia de. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista de Sociologia e Política*, n. 13, p. 7-16, nov. 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*, São Paulo: PUCSP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROSANELI, Alessandro Filla; FROES, Ana Claudia Stangarlin; FURLAN, Debora Luiza Schumacher; GONÇALVES, Felipe Timmermann; SENGER, Sacha. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. *Urbe – revista brasileira de gestão urbana*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 359-374, dez. 2016.

TORTATO, Daniele Teixeira. *Gerenciamento ambiental avançado na Praça Santos Andrade*. 2001. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.



Attribution-NonCommercial-ShareAlike
4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

VANALI, A. C.; KOMINEK, A. M. V. ; OLIVEIRA, C. F. C.
Monumento à colônia afro-brasileira de Curitiba
| Artigo



Submissão: 11 de junho de 2020
Avaliações concluídas: 22 de dezembro de 2020
Aprovação: 22 de dezembro de 2020

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

VANALI, Ana Crhistina. KOMINEK, Andrea Maila Voss. OLIVEIRA, Celso Fernando Claro de. Sobre a relação entre indivíduos e coletivo na construção do patrimônio histórico: o caso do monumento à colônia afro-brasileira de Curitiba. *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 21, n.1, p. 1-20, e-210107, jan./jun., 2021. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>

APÊNDICE A – Transcrição da placa da Praça Santos Andrade

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA A COLÔNIA AFRO-BRASILEIRA 100 ANOS

As homenagens dos vereadores de Curitiba, que unindo-se as comemorações do centenário da abolição, destacam a participação dinâmica, una e altamente relevante do negro da comunidade. Com os nomes aqui gravados, que representam os vários segmentos da etnia negra, perpetuamos nosso carinho à Colônia Afro-brasileira.

ACIR FERNANDES	LUIZ FERNANDO MARQUES
ADELINO ALVES DA SILVA	MALU NUNES DA SILVA
AMILTON AMBROSIO RIBEIRO	MANUEL NUNES DA SILVA
ANTONIO DIONISIO FILHO	MARIA APARECIDA DA SILVA
ANTONIO SILVA DE PAULO	MARIA LUCIA DE SOUZA
ANTONIO CALAZANS	MARIA MERCIS G. ANICETO
ARTUR MIRANDA JUNIOR	MARIA NICOLAS
AROLDO ANTONIO DE FARIAS	MARILENE DA GRAÇA RIBAS
CANDIDO ALVES DE SOUZA	MARINA DE ANDRADE SOUZA
CLOVIS AZAURY DO NASCIMENTO	MARINA PEREIRA
DALZIRA MARIA APARECIDA	MARIO FERREIRA
ELIDIO ALVES TEODORO	MARIO VASCONCELOS
EUCLIDES DA SILVA	NARCISO J.R.ASSUMPÇÃO
HASIEL PEREIRA (vereador)	NATALÍCIO SOARES
HUGO JORGE BENTO	NELSON CARLOS DA LUZ
IDELCIO JOSÉ DE OLIVEIRA	ODELAIR RODRIGUES
ISAAC OTÁVIO	OLGA MARIA S. FERREIRA
JOÃO FERREIRA DOS SANTOS	ORLANDO DIAS DA SILVA
JOÃO FREDERICO ALVES	OSVALDO FERREIRA DOS SANTOS
JOÃO PEREIRA DA SILVA	OZEIL MOURA DOS SANTOS (cônsul Senegal)
JORGE DE OLIVEIRA	PAULO CHAVES DA SILVA
JOSÉ AUGUSTO G. ANICETO	PAULO LOPES SANTOS
JOSÉ CARLOS M. DOS SANTOS	PEDRO ADÃO PEREIRA
JOSÉ DIONÍSIO DA SILVA	RAIMUNDA FERREIRA DOS SANTOS
JOSÉ MOREIRA DE ASSIS	RAIMUNDO NONATO SIQUEIRA
JOSÉ PEREIRA FILHO	SERAPHINA JACIRA GONÇALVES
JOSÉ RAMOS	SIDNEY LIMA SANTOS (ex-vereador)
JOSÉ SALVADOR DE SOUZA	TEREZA ERMELINO DE LEÃO
JOSÉ S. SILVA FELINTO (ex-vereador)	VALDIR ISIDORO SILVEIRA
JURANDIR NUNES PEREIRA	ZEILA MOURA DOS SANTOS
HOMENAGENS PÓSTUMAS	
ANTENOR ALENCAR LIMA	ENEDINA ALVES MARQUES
ANTENOR P.DOS SANTOS (ex-vereador)	HAROLDO FERREIRA DOS SANTOS
ANTONIO PINTO REBOUÇAS	JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS
EDGAR ANTUNES SILVA (TATU)	JOSÉ PINTO REBOUÇAS

Curitiba, 26 de maio de 1988

Horácio Rodrigues
Presidente da Nona Legislatura
LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888 conhecida como Lei Áurea

Fonte: Elaborado pelos autores.

APÊNDICE B – Informações sobre os homenageados

HOMENAGEADO	ÁREA DE ATUAÇÃO
ACIR FERNANDES (1926-2003)	Cartunista, desenhista, tipógrafo, jogador de futebol
ADELINO ALVES DA SILVA (1915-2018)	Engenheiro, professor, funcionário público
AMILTON AMBROSIO RIBEIRO (1939-2007)	Engenheiro, funcionário público, fundador do Instituto Afro-Brasileiro do Paraná
ANTENOR ALENCAR LIMA (1901-1954)	Militar do Exército, engenheiro, secretário estadual da Viação e Obras Públicas
ANTENOR PAMPHILO DOS SANTOS (1895-1967)	Médico, professor, funcionário público, vereador, secretário estadual da Saúde
ANTONIO CALAZANS DOS SANTOS (1912-1998)	Professor, funcionário público
ANTONIO DIONISIO FILHO (1956-2015)	Jogador de futebol, técnico de futebol, comentarista esportivo
ANTONIO PINTO REBOUÇAS (1839-1874)	Engenheiro
ANTONIO SILVA DE PAULO (1942)	Radialista, advogado, funcionário público
AROLDI ANTONIO DE FARIAS (1922-2010)	Advogado, funcionário público, militar do Exército
ARTHUR MIRANDA JUNIOR (1945)	Contador, funcionário público, jogador de futebol
CANDIDO ALVES DE SOUZA (1933-2014)	Militar do Corpo de Bombeiros, diretor do Departamento da Guarda Municipal, subchefe da Casa Civil do Paraná, esgrimista
CLOVIS AZAURY DO NASCIMENTO (1932-2014)	Linotipista, técnico em artes gráficas
DALZIRA MARIA APARECIDA (1941)	Sacerdotisa, costureira, pesquisadora
EDGARD ANTUNES SILVA (TATU) (1915-1985)	Funcionário público, presidente da Sociedade Protetora dos Operários, jogador de futebol, agitador cultural
ELIDIO ALVES TEODORO (1953-2012)	Corretor de imóveis
ENEDINA ALVES MARQUES (1913-1981)	Engenheira, professora
EUCLIDES DA SILVA (1917-1994)	Barbeiro, presidente da Sociedade 13 de Maio
HAROLDO FERREIRA DOS SANTOS (1912 - ????)	Jogador e técnico de futebol
HASIEL DA SILVA PEREIRA FILHO (1948)	Vereador, taxista, militante político
HUGO JORGE BENTO (1928-2019)	Funcionário público, jogador de futebol
IDELCIO LUIS DE OLIVEIRA (1964)	Seminarista, representante comercial, coordenador dos Agentes da Pastoral Negra
ISAACK OTÁVIO DA SILVA (1940-2019)	Militar da Polícia do Paraná, músico
JOÃO FERREIRA DOS SANTOS (1917-1996)	Jogador e técnico de futebol, funcionário rede ferroviária
JOÃO FREDERICO ALVES (1944-2013)	Militar da Polícia do Paraná, professor
JOÃO PEREIRA DA SILVA	Não localizado
JORGE DE OLIVEIRA	Não localizado
JOSÉ AUGUSTO GOMES ANICETO (1949)	Desembargador, oficial da Política Militar,
JOSÉ CARLOS MOURA DOS SANTOS (1926-2010)	Funcionário público, jogador de futebol
JOSÉ DIONÍSIO DA SILVA	Não localizado
JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS (1915-1974)	Jogador de futebol, técnico de futebol, funcionário da rede ferroviária e da receita federal
JOSÉ MOREIRA DE ASSIS (1947)	Funcionário público, bancário
JOSÉ PEREIRA FILHO (1950)	Funcionário público
JOSÉ PINTO REBOUÇAS (1850-1921)	Engenheiro
JOSÉ RAMOS	Não localizado
JOSÉ SALVADOR DE SOUZA	Não localizado
JOSÉ SEVERINO SILVA FELINTO (1952)	Vereador, deputado federal, presidente de associação de classe, militar da Marinha, enfermeiro
JURANDIR NUNES PEREIRA (1956)	Ambulante, sindicalista, representante comercial
LUIZ FERNANDO MARQUES DA LUZ (1936-2014)	Funcionário público, fundador da Cooperativa Habitacional do Paraná, jogador de futebol
MABEL NUNES DA SILVA (1959)	Funcionária pública, militante política
MANUEL NUNES DA SILVA (1921-2002)	Militar do Exército, combatente na Segunda Guerra Mundial
MARIA APARECIDA DA SILVA (1937-1995)	Sacerdotisa
MARIA LUCIA DE SOUZA (1960)	Militante da causa racial
MARIA MERCIS GOMES ANICETO (1947)	Desembargadora, professora
MARIA NICOLAS (1899-1988)	Professora, escritora, pintora, historiadora
MARILENE DA GRAÇA RIBAS (1947-2010)	Não localizada
MARINA ANDRADE DE SOUZA (1938)	Ativista de causas sociais
MARINA PEREIRA	Não localizada
MARIO FERREIRA (1934-1990)	Jogador de futebol, funcionário público
MARIO VASCONCELOS (1946)	Funcionário público
NARCISO JÚLIO DOS REIS ASSUMPCÃO (1948-2001)	Ator, escritor, jornalista
NATALÍCIO SOARES (1949)	Professor, escritor, pesquisador
NELSON CARLOS DA LUZ (1947)	Funcionário público
OELAIR RODRIGUES DA SILVA (1935-2003)	Atriz, cantora, humorista, apresentadora de programa de rádio e televisão
OLGA MARIA DOS SANTOS FERREIRA (1917-2004)	Professora
ORLANDO DIAS DA SILVA (1918-2001)	Funcionário público
OSWALDO FERREIRA DOS SANTOS (1918-1990)	Jogador de futebol, médico
OZEIL MOURA DOS SANTOS (1941)	Empresário, Cônsul Geral Honorário do Senegal, sociólogo, jogador juvenil de futebol e administrador especialista em planejamento urbano
PAULO CHAVES DA SILVA (1949)	Funcionário público
PAULO LOPES SANTOS	Não localizado
PEDRO ADÃO PEREIRA (1929)	Jogador de futebol, funcionário público
RAIMUNDA FERREIRA DOS SANTOS (1904-2008)	Ativista de causas sociais
RAIMUNDO NONATO SIQUEIRA (1941)	Delegado
SERAPHINA JACIRA GONÇALVES (1920-1989)	Sacerdotisa, professora
SYDNEI LIMA SANTOS (1925-2001)	Militar do Exército, empresário, professor, vereador
TEREZA ERMELINO DOS SANTOS (1940)	Delegada
VALDIR ISIDORO SILVEIRA (1943)	Engenheiro agrônomo, fundador do Centro de Estudos Afro-Brasileiros (CEABRO), um dos fundadores do Instituto Afro-Brasileiro do Paraná
ZEILA MOURA DOS SANTOS (1920-1988)	Ativista das causas sociais

Fonte: Elaborado pelos autores.